

## Proposta n.º JF 02/2018

### Projeto "Acerca de... D. Domingos Anes Jardo"

Considerando a proposta apresentada pela Associação "RJAnima" para a elaboração e divulgação de brochuras relacionadas com a personalidades históricas da cidade de AgualvaCacém e da Freguesia de Agualva e Mira Sintra.

Considerando que foi apresentado um primeiro trabalho elaborada pelos historiadores Carlos Leite e Rui Oliveira relacionado com a história de **D. Domingos Anes Jardo**, personalidade de grande relevância histórica na Freguesia.

Considerando ser adequada a publicação deste documento, integrada num conjunto mais vasto de publicações a efetuar, como forma de divulgar a história da cidade e aumentar o sentimento de pertença.

Considerando que será a Associação "RJAnima" a definir e gerir a forma de distribuição da brochura a produzir.

Considerando que a Junta de Freguesia reserva para si 10% das publicações a efetuar, a distribuir gratuitamente da forma que a Junta de Freguesia vier a considerar mais adequada.

Considerando ser adequada uma primeira publicação de 500 exemplares da brochura em anexo, que se considera como parte integrante da presente proposta.

Considerando

Considerando as competências materiais previstas na alínea v) do n.º 1 do artigo 16.º da Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro.

Atento aos considerandos e ao enquadramento legal existente, proponho que se delibere aprovar a produção do trabalho efetuado pela Associação "RJAnima" e elaborado pelos historiadores Carlos Leite e Rui Oliveira relacionado coma história de **D. Domingos Anes Jardo**, tendo como valor máximo estimado de **€400,00** (quatrocentos euros), a que acresce o IVA à taxa legal aplicável.

AgualvaCacém, 09 de janeiro de 2018

X

ASSINATURA DIGITAL

Carlos Casimiro, Presidente Junta de Freguesia

**Proposta n.º JF 02/2018**

Projeto "Acerca de... D. Domingos Anes Jardo"

**Deliberação:** Aprovada  Reprovada   
Unanimidade  Maioria

Votos a favor	
Presidente Carlos Casimiro	<input checked="" type="checkbox"/>
Secretário Dâmaso Martinho	<input checked="" type="checkbox"/>
Tesoureiro João Castanho	<input checked="" type="checkbox"/>
1.º Vogal Helena Cardoso	<input checked="" type="checkbox"/>
2.º Vogal Cristina Mesquita	<input checked="" type="checkbox"/>
3.º Vogal Ricardo Varandas	<input checked="" type="checkbox"/>
4.º Vogal Victor Ferreira	<input checked="" type="checkbox"/>
<b>Total</b>	<b>7</b>

Votos contra	
Presidente Carlos Casimiro	<input type="checkbox"/>
Secretário Dâmaso Martinho	<input type="checkbox"/>
Tesoureiro João Castanho	<input type="checkbox"/>
1.º Vogal Helena Cardoso	<input type="checkbox"/>
2.º Vogal Cristina Mesquita	<input type="checkbox"/>
3.º Vogal Ricardo Varandas	<input type="checkbox"/>
4.º Vogal Victor Ferreira	<input type="checkbox"/>
<b>Total</b>	<b>0</b>

Abstenções	
Presidente Carlos Casimiro	<input type="checkbox"/>
Secretário Dâmaso Martinho	<input type="checkbox"/>
Tesoureiro João Castanho	<input type="checkbox"/>
1.º Vogal Helena Cardoso	<input type="checkbox"/>
2.º Vogal Cristina Mesquita	<input type="checkbox"/>
3.º Vogal Ricardo Varandas	<input type="checkbox"/>
4.º Vogal Victor Ferreira	<input type="checkbox"/>
<b>Total</b>	<b>0</b>

Aprovada em minuta, na reunião de 2018.01.11, para efeitos do disposto nos termos do n.º 3 e n.º 4 do artigo 57.º, da Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro, e n.º 4 e n.º 6 do artigo 34.º do Código de Procedimento Administrativo.

A Junta de Freguesia

O Presidente: \_\_\_\_\_

O Secretário: \_\_\_\_\_

O Tesoureiro: \_\_\_\_\_

O 1.º Vogal: Helena Cardoso

O 2.º Vogal: Cristina Mesquita

O 3.º Vogal: Domingos Anes Jardo

O 4.º Vogal: \_\_\_\_\_

Acerca de...



Associação de Dinamização Ambiental, Social e Cultural  
Agualva-Cacém-Sintra

Facebook: RJ Anima - Caminhada com Sónia

Apoios

**D. Domingos Anes Jardo**

**CARLOS LEITE**

**RUI OLIVEIRA**

## FICHA TÉCNICA

### Título

Acerca de... D. Domingos Anes Jardo

### Autores

Carlos Leite / Rui Oliveira

### Apoios

Junta de Freguesia de Aqualva e Mira Sintra  
RJ Anima – Associação de Dinamização Ambiental, Social e Cultural

### Depósito Legal

### Impresso em

(nome e morada da Gráfica)

Agosto 2017

- OLIVEIRA, Cristóvão Rodrigues de, *Lisboa em 1551 – Sumário, Apresentação e Notas de José Felicidade Alves*, Lisboa, Livros Horizonte, 1987;
- SILVA, Paulo Dias da, «O Estudo Geral de Lisboa», in *Boletim de Trabalhos Históricos do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta*, Vol. XL, Guimarães, 1989;
- VASCONCELOS, José Leite de, *Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos*;
- VILAR, Hermínia Vasconcelos, «O Episcopado do tempo de D. Dinis: trajectos pessoais e carreiras eclesiais (1279 – 1325)», in *Arquipélago – História*, 2ª Série, V, 2001.

## Bibliografia

- BRÁSIO, António, *Monumenta Missionaria Africana – África Ocidental – 1471-1531*, Vol. I, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1952;
- CARVALHO, José Adriano de Freitas, «Um Beato Vivo: O padre António da Conceição C.S.J.E., conselheiro e profeta no tempo de Filipe II», in *Via Spiritus*, Nº 5, FALUP, 1998;
- CASTILHO, Júlio de, *Lisboa Antiga – Bairros Orientais*, 2ª ed., vol. XI, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1938;
- *Chartularium Universitatis Portugalensis*, vol. IV (1431-1445), Lisboa, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 1970;
- *Chartularium Universitatis Portugalensis*, vol. V (1446-1455), Lisboa, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 1972;
- COSTA, António Domingues de Sousa, *Bispos de Lamego e de Viseu nos séculos XIV – XV (1394 – 1463)*, Braga, Editorial Franciscana, 1986;
- CUNHA, D. Rodrigo da, *História Eclesiástica da Igreja de Lisboa: vida e ações de seus prelados e varões eminentes em santidade que nela floresceram, Parte II, Capitulo LXII*, Lisboa, 1642;
- FARELO, Mário, «Os Estudantes e Mestres Portugueses nas Escolas de Paris durante o período medievo (Sécs. XIV – XV): Elementos de História Cultural, Eclesiástica e Económica para o seu estudo» in *Lusitania Sacra*, 2ª Série, 13 – 14 (2001 – 2002);
- FARELO, Mário; JORGE, Ana Maria C. M., SÁ-NOGUEIRA, Bernardo de; ROLDÃO, Filipa, «A dimensão europeia do clero de Lisboa (1147 – 1325)», in *A Igreja e o Clero Portugues no Contexto Europeu*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa – Universidade Católica Portuguesa, 2005;
- FONSECA, Francisco da, *Évora Gloriosa*, Roma, Oficina Komarekiana, 1728;
- HOMEM, Armando Luís de Carvalho, «Perspectivas sobre a prelazia do Reino em tempos dionisinos», in *Revista da Faculdade de Letras – História*, II.ª Série, vol. XV / 2, 1998;

## Acerca de...

## D. Domingos Anes Jardo

Nos dias de hoje, quando se fala em figuras históricas de relevo associadas à cidade de Aqualva, a primeira de que nos lembramos de imediato é a de D. Domingos Anes Jardo, o bispo de Lisboa (e também de Évora) que no século XIII ajudou a fundar os Estudos Gerais, berço daquilo que mais tarde vem a ser conhecido como Universidade.

Este foi um passo de extrema importância, uma vez que falamos da fundação da Universidade, da primeira Universidade em Portugal.

Mas quem era, na realidade, esta figura de D. Domingos Anes Jardo?

Os primeiros anos da sua vida ainda estão envoltos em mistério, uma vez que não nos chegaram documentos a falarem sobre eles.

Não se sabe em que ano nasceu, nem onde nasceu, assim como quem eram os seus pais.

Ao longo de muitos e muitos anos, tem-se repetido a mesma história de que ele teria nascido na Aqualva.

Estamos em crer que essa tradição de associar o seu local de nascimento à Aqualva terá começado com D. Rodrigo da Cunha (Arcebispo de Lisboa), que, na sua *História Eclesiástica da Igreja de Lisboa*<sup>1</sup>, de 1642, fala sobre isso.

Também o padre Francisco da Fonseca, quase um século mais tarde, diz o mesmo, na sua *Évora Gloriosa*:<sup>2</sup>

Porém, continuar a afirmar isto é um erro, uma vez que, conforme já explicado, não nos chegou nenhum documento que comprove isso.

Nas obras acima referidas, cada um dos autores fala das suas origens humildes, mas nenhum deles cita as fontes onde viu isso (se é que elas alguma vez existiram).

---

<sup>1</sup> D. Rodrigo da CUNHA, *História Eclesiástica da Igreja de Lisboa: vida e ações de seus prelados e varões eminentes em santidade que nela floresceram*, Parte II, Capítulo LVXII, Lisboa, 1642, p. 199.

<sup>2</sup> Francisco da FONSECA, *Évora Gloriosa*, Roma, Oficina Komarekiana, 1728, pp. 277, 278.

Acrescentemos ainda os seguintes dados:

- uma sua irmã, chamada Maria Jarda, herdou dele algumas propriedades na Aqualva (nomeadamente umas courelas de terra e um casal). Mais tarde, Maria Jarda passará estes bens para o seu filho Maritim Mateus;<sup>29</sup>
- para além de ter sido Bispo de Évora e depois de Lisboa, foi também Prior da Igreja de Santa Maria de Guimarães.<sup>30</sup>

Perguntemos, então:

o que pensaria o Bispo Jardo, na recíta final da sua vida, ao olhar para trás, para a obra que deixou?

Voltemos ao tempo presente:

o que pensa hoje a Aqualva, à distância de oito séculos, deste seu vulto maior?

---

<sup>29</sup> ANTT, *Congregação dos Cônegos Seculares de S. João Evangelista. Convento de S. Bento de Xabregas*, Livro 29.

<sup>30</sup> Armando José Gomes do NORTE, *Letrados e Cultura Letrada em Portugal (Sécs. XII e XIII)*, Tese de Doutoramento em História Medieval apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2013, pp. 52, 353.

dentro do cabido). Valeu-lhe o facto de a intervenção papal ter solucionado a questão, podendo então ocupar o lugar.<sup>26</sup>

E vai ser algures por volta deste tempo, 1289, ou, quiçá, 1288, que vai aparecer a primeira Universidade em Portugal, denominada à época de Estudo Geral de Lisboa.

Esta data ainda mantém uma certa controvérsia, tendo em conta que a carta da sua fundação é desconhecida. Existe uma carta, datada de 01.03.1290, na qual D. Dinis amplia os privilégios concedidos ao Estudo Geral. Se os amplia, isso significa que eles já existiam antes de 1290.<sup>27</sup>

Mas de uma coisa não resta dúvida: quem a fundou foi o rei D. Dinis, coadjuvado pelo Bispo D. Domingos Anes Jardo.

Três anos depois, em 16.12.1290, o Bispo Jardo morre em Lisboa, tendo sido sepultado no Convento de Santo Elói, na Capela do Sacramento.

Em 1834, com o triunfo do Liberalismo, as Ordens Religiosas foram extintas em Portugal.<sup>28</sup>

As propriedades dos Lóios, à semelhança de muitas outras de outros Conventos e Mosteiros por esse país fora, acabaram por ser inventariadas e vendidas em leilão público.

As que eles definham na zona da Aqualva acabaram reduzidas a talhões e pequenas quintas, tendo muitas delas sido vendidas novamente, já na segunda metade do século XX, para a construção de novas urbanizações.

Que mais poderemos dizer acerca deste Bispo, cuja vida atravessou praticamente quatro reinados, que deixou marcas tão indeléveis na nossa cultura, que privou de perto com reis e outras grandes individualidades?

<sup>26</sup> VILAR, *art. cit.*, p. 590.

<sup>27</sup> Paulo Dias da SILVA, «O Estudo Geral de Lisboa», in *Boletim de Trabalhos Históricos do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta*, Vol. XL, Guimarães, 1989, pp. 77, 78.

<sup>28</sup> Decreto de 24.05.1834.

E que dizer do seu nome “Jardo”?

Este é outro dado muito curioso, tendo em conta que em todos os documentos que chegaram até nós, D. Domingos Anes Jardo é sempre referido apenas como “Domingos Eanes” ou “Bispo de Lisboa”.

Assim sendo, de onde terá surgido esse nome, e porquê?

O termo “Jardo” só se começa a verificar na documentação a partir do séc. XVII, precisamente durante o período pós-Restauração da Independência.

E isto levanta-nos as seguintes questões:

- qual a origem e o significado desta palavra;
- porque é que ela ficou associada a este bispo.

Quanto ao seu significado, é interessante verificarmos o que José Leite de Vasconcelos nos diz acerca da palavra “Jardo” no seu *Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos*:

“Jardo: (Tojo ou mato) ‘Grande, áspero, bom (só a respeito de mato ou tojo)’, Cadaval.”<sup>3</sup>

Por outras palavras, a palavra “Jardo” é um regionalismo da zona do Cadaval, cujo significado está associado a um grande, áspero e bom tojo ou mato.

Quanto à segunda questão, desconhece-se por que isso terá ficado ligado a este bispo, embora possamos adiantar que, tendo em conta o seu significado, isso poderá não ter passado de uma alcunha.<sup>4</sup>

Voltemos à sua data de nascimento.

Tendo em conta que ele morre em 16 de Dezembro de 1293, não será de todo descabido podermos calcular o seu nascimento algures entre os anos de 1210, 1220.

<sup>3</sup> *Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos*, p. 665; disponível *online* através do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (<http://alfcuul.ciulul.pt/ciulsite/DRA/index.html>).

<sup>4</sup> Resta saber se, a confirmar-se a alcunha, se lhe teria sido atribuída ainda em vida, ou muito posteriormente.

Assim sendo, seria bem possível, mesmo para a época em questão, que ele tivesse morrido com a idade de 73, ou até mesmo 83 anos.

Desta forma, ele teria sido contemporâneo dos reis D. Afonso II (que começou a reinar em 1211), D. Sancho II (que começou a reinar em 1223), D. Afonso III (que começou a reinar em 1248) e D. Dinis (que começou a reinar em 1279).

Como já dissemos, os seus primeiros anos de vida são completamente desconhecidos.

Na segunda metade do século XIII vamos encontrá-lo a ensinar em Paris.<sup>5</sup>

Quando, na sequência dos eventos ocorridos no reinado de D. Sancho II, o seu irmão, o futuro D. Afonso III, regressa a Portugal, D. Domingos Anes Jardo vem a acompanhá-lo.<sup>6</sup>

E vai ser precisamente com este rei que ele vai começar a ganhar destaque.

Com efeito, D. Afonso III vai torná-lo seu Conselheiro e Capelão-Mor, assim como preceptor do ainda Príncipe D. Dinis.

Após a morte de D. Afonso III e a ascensão ao trono de D. Dinis, Portugal entra num dos períodos mais estruturantes e decisivos da sua História.

Este reinado vai estender-se por cerca de 46 anos (1279-1325) e vai ser a partir daqui que a carreira do Bispo D. Domingos Anes Jardo vai entrar, verdadeiramente, em ascensão:

---

<sup>5</sup> Mário FARELO, «Os Estudantes e Mestres Portugueses nas Escolas de Paris durante o período medievo (Sécs. XIV – XV): Elementos de História Cultural, Eclesiástica e Económica para o seu estudo» in *Lastitania Sacra*, 2ª Série, 13 – 14 (2001 – 2002), p. 191.

<sup>6</sup> Mário FARELO; Ana Maria C. M. JORGE, Bernardo de SÁ-NOGUEIRA; Filipa ROLDÃO, «A dimensão europeia do clero de Lisboa (1147 – 1325)», in *A Igreja e o Clero Português no Contexto Europeu*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa – Universidade Católica Portuguesa, 2005, p. 32.

Apesar dos danos sofridos nos dois abalos sísmicos mais conhecidos e documentados, respetivamente de 1531 e 1755, o Hospital - Escola de São Paulo, Santo Elói e São Clemente constituiu-se num polo de desenvolvimento regional, nomeadamente da área de Lisboa, uma vez que, como já foi referido, os seus bens de raiz integravam importantes propriedades no antigo termo de Lisboa, nomeadamente em torno do que é hoje a cidade de Agualva.

O seu Cartório, ou o remanescente dele, é um dos acervos documentais escritos essencial para a compreensão e fundamentação da História Local da cidade de Agualva

Por outro lado, a secular presença desta instituição, a memória do seu fundador e, naturalmente, a evolução das propriedades, ou até mesmo a simples passagem de outras personalidades pela mesma, deixaram marcas indeléveis na micro toponímia local.

A atestar isso, veja-se, por exemplo, o caso da Ribeira da Jarca, ou até mesmo o da Quinta dos Lóios (ou do Santo da Barroca, arquétipo ligado ao Beato António, ermitão Lóio dos finais do Século XVII).<sup>24</sup>

Falta-nos falar da fundação da Universidade, a primeira Universidade que houve em Portugal.

Mas para isso, voltemos a pegar no encaixado da ascensão da carreira deste Bispo: em 1289, 1290 D. Domingos Anes Jardo é novamente nomeado Bispo de Lisboa<sup>25</sup>, tendo, mais uma vez, sido impedido de ocupar o cargo (novamente por causa de dissidências

---

<sup>24</sup> José Adriano de Freitas CARVALHO, «Um Beato Vivo: O padre António da Conceição C.S.J.E., conselheiro e profeta no tempo de Filipe II», in *Via Spiritus*, Nº 5, FALUP, 1998, pp. 13 – 52.

<sup>25</sup> Por esta altura, os episcopados mais importantes do reino estavam a ser providos com os mais importantes clérigos do rei, numa estratégia de poder régio. Assim, D. Martinho Peres foi destacado para Braga; D. Domingos Eanes Jardo para Lisboa; D. João Martins de Soalhães para Lisboa e Braga; D. Geraldo Domingues para o Porto e Évora; D. Estêvão Eanes Bocharo para Coimbra. Tudo isto não passava de uma estratégia pessoal do rei; Armando Luís de Carvalho **HOMEM**, «Perspectivas sobre a prelaquia do Reino em tempos dionisinos», in *Revista da Faculdade de Letras – História*, II.ª Série, vol. XV / 2, 1998, pp. 1469 - 1477



O hospital começa desde logo a ser reconstruído, ao mesmo tempo que a sua dinâmica começa a ser melhorada, tanto a nível económico, como pedagógico. O objetivo passava por se tentar manter o maior número possível de escolares e merceeiros, conforme inicialmente estipulado.

Em 1443 D. João Vicente, na sua qualidade de superior da Congregação, procurou reforçar os privilégios do Colégio, alegando o mau estado dos edifícios. Para isso, obteve de D. Afonso V a isenção da dízima e da portagem sobre qualquer material que chegasse a Santo Elói, em especial a madeira necessária para a reparação da igreja e das casas do Colégio.<sup>20</sup>

Em 19.03.1446 foi a vez da rainha D. Isabel manifestar o seu apreço pela Congregação, interessando-se pela situação do Colégio de Santo Elói e associando-se a D. João Vicente e aos demais cônegos, numa nova súplica dirigida ao Papa Eugénio IV, para que se fixasse em vinte o número de escolares beneficiados pelo Hospital.<sup>21</sup>

Em 1448 D. João Vicente solicitou que a igreja de S. Bartolomeu fosse anexada ao Colégio.<sup>22</sup>

Esta instituição irá desempenhar um papel importante ao longo de pouco mais três séculos, quer na assistência hospitalar no reino, quer nos territórios ultramarinos, nomeadamente na evangelização e na assistência caritativa.<sup>23</sup>

---

<sup>20</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, vol. IV (1431-1445), Lisboa, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 1970, p. 405.

<sup>21</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, vol. V (1446-1455), Lisboa, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 1972, pp. 7, 8. A execução das disposições pontifícias foi cometida ao abade de Alcobaca por bula de Eugénio IV datada de 19.03.1446 (publicada por António Domingues de Sousa **COSTA**, *Bispos de Lamego e de Viseu nos séculos XIV – XV (1394 – 1463)*, Braga, Editorial Franciscana, 1986, pp. 333 – 335).

<sup>22</sup> **COSTA**, *op. cit.*, p. 346. A súplica de D. João Vicente e dos cônegos e a bula de Nicolau V de união da igreja foram publicadas em *Chartularium Universitatis Portugalensis*, vol. V (1446-1455), Lisboa, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 1972, pp. 55 – 57.

<sup>23</sup> António **BRÁSIO**, *Monumenta Missionaria Africana – África Ocidental – 1471-1531*, Vol. I, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1952, p. 281, Doc.77.

- em 1282 é nomeado Bispo de Lisboa (sucendendo a D. Mateus). Porém, devido a dissidências dentro do cabido, não conseguiu tomar posse do cargo;<sup>7</sup>

- em 1283 vemo-lo ser nomeado Bispo de Évora (sucendendo a Durão, ou Durando, Pais);<sup>8</sup>

Enquanto Bispo de Évora, D. Domingos Anes Jardo revela-se um grande prelado e exímio homem de Estado, e estas razões não terão sido alheias ao facto de mais tarde o papa Nicolau IV o ter transferido para Lisboa, para ocupar o cargo de Bispo desta cidade.

Durante este período, há dois acontecimentos-chave que estão intimamente ligados à figura do Bispo D. Domingos Anes Jardo:

- a criação de um Hospital – Escola sob a invocação de S. Paulo, contando também com o patronato dos Santos Elói e Clemente;
- a fundação da Universidade em Portugal, então designada de Estudo Geral.

Quanto ao Hospital – Escola, sabemos que em 08.09.1284 D. Dinis dava privilégio e licença<sup>9</sup> a D. Domingos Anes Jardo (que, para além do cargo de Bispo de Évora, também acumulava o de Chanceler-Mor) para que construísse um Hospital – Escola nas casas que este possuía no que é, atualmente, o Largo dos Lóios<sup>10</sup>.

Dois anos volvidos, em 10.03.1286, o rei D. Dinis concedia o Padroado da Igreja de S. Bartolomeu ao mesmo Hospital – Escola, aumentando, dessa maneira, os proventos do mesmo.<sup>11</sup>

---

<sup>7</sup> Hermínia Vasconcelos **VILAR**, «O Episcopado do tempo de D. Dinis: trajectos pessoais e carreiras eclesiásticas (1279 – 1325)», in *Arquipélago – História*, 2ª Série, V, 2001, p. 590.

<sup>8</sup> **VILAR**, *art. cit.*, p. 590.

<sup>9</sup> Carta de mercê de D. Dinis a favor de D. Domingos Anes Jardo, Bispo de Évora e seu Chanceler, autorizando-o a construir um hospital para pobres numas casas que possuía na Freguesia de S. Bartolomeu, em Lisboa; ANTT, *Chancelaria de D. Dinis*, Livro I, Folhas 110 e 110v.

<sup>10</sup> A época, a freguesia de S. Bartolomeu.

<sup>11</sup> ANTT, *Chancelaria de D. Dinis*, Livro I, Folha 161.

Nos bens de raiz desta instituição incluíram-se os bens pessoais de D. Domingos Anes Jardo, como podemos afeir pelo seu testamento, transcrito por D. Rodrigo da Cunha<sup>12</sup>, bens esses que não sabemos se eram de família ou, como nos diz Cristóvão Rodrigues de Oliveira no seu Lisboa em 1551 – Sumário se: “[...] os tinha comprado a El-rei D. Dinis por novecentos marcos de prata lavrada.”<sup>13</sup>

Este mesmo autor corrobora o que D. Rodrigo da Cunha diz acerca da notícia do seu falecimento, ocorrida em 16.12.1293; bem como do lugar do seu primeiro sepultamento:

“Enterraram-no em Seu hospital, como ele tinha ordenado, aos pé do glorioso S. Paulo, junto às escadas que sobem ao seu altar. Pouco maes de 40 annos há que foy dali trasladado para o nicho, que agora tem na capella do Santissimo Sacramento, na parede da banda do Evangelho, cõ este epitáfio: Aqui jaz Dom Domingos Jardo bispo, que foy de Évora & desta cidade, fundador desta casa faleceo na era de mil trezentos e trinta & um.”<sup>14</sup>

Após a morte D. Domingos Anes Jardo, e conforme indicação sua estipulada no seu testamento, a administração do Hospital - Escola foi entregue a um seu sobrinho, Afonso Anes, com o título de Provedor.<sup>15</sup>

Porém, o Rei D. Dinis, julgando interpretar a vontade do Bispo seu amigo, quis entregar o Hospital – Escola aos religiosos de São Bernardo, do Mosteiro de Alcobaça.

A situação arrostou-se por muitos anos, até que uma sentença papal repôs a situação inicial.

<sup>12</sup> D. Rodrigo da CUNHA, *História Eclesiástica da Igreja de Lisboa: vida e ações de seus preladados e varões eminentes em santidade que nela floresceram*, Parte II, Capítulo LXXII, Lisboa, 1642.

<sup>13</sup> Cristóvão Rodrigues de OLIVEIRA, *Lisboa em 1551 – Sumário*, Apresentação e Notas de José Felicidade Alves, Lisboa, Livros Horizonte, 1987, p. 69.

<sup>14</sup> Todas as datas anteriores a 1422 são contadas pela Era de César, pelo que, para se obter a datação correta da Era de Cristo (que é a atual) tem de se subtrair 38 anos. Assim sendo, 1331 – 38 = 1293.

<sup>15</sup> OLIVEIRA, *op. cit.*, p. 69.

Seja como for, o estado ruinoso em que já se encontrava, com rendas dissipadas, a degradação dos edifícios e as obrigações esquecidas, motivou a que, em 24.04.1442, o Infante D. Pedro, Regente do Reino em nome do seu sobrinho D. Afonso V, decidisse entregá-lo aos Cônegos Seculares da Congregação de S. João Evangelista.

Estes frades, que vestiam um hábito de cor azul, acabaram por ficar conhecidos por Lóios, tomando o nome da instituição que vieram reformar.<sup>16</sup>

Ao vetusto Hospital - Escola passou, então, a estarem associados o Colégio e o Convento de Santo Elói. A sua capela, que albergava o túmulo de D. Domingos Anes Jardo, foi mantida, embora tenha sido modificada após a morte da Infanta D. Catarina, filha de D. Duarte.<sup>17</sup>

Mais tarde, a rainha D. Leonor (mulher de D. João II), assistiria à missa nesse mesmo espaço, uma vez que habitava numas casas junto do Convento de Santo Elói.<sup>18</sup>

Com esta reforma, a instituição ganha novos rumos e potencia os seus atributos iniciais, não só valorizando, como ainda alargando os seus bens de raiz<sup>19</sup>, alcançando, dessa forma, um estatuto sublime, quer pela aceitação generalizada das suas ações na comunidade, quer pela proximidade e convivência com o poder real.

<sup>16</sup> Júlio de CASTILHO, *Lisboa Antiga – Bairros Orientais*, 2ª ed., vol. XI, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1938, p. 235.

<sup>17</sup> De modo a albergar a sua sepultura.

<sup>18</sup> Ao que consta, havia um passadiço direto, que a rainha usava, entre a capela e o Convento de Santo Elói.

<sup>19</sup> No tombo dos bens de Santo Elói de 1447, foram registadas 57 casas do Colégio, localizadas nas freguesias mais centrais da cidade (S. Bartolomeu, Santa Cruz, S. Tomé, Santo André, S. Pedro de Alfama, S. Justa, S. Nicolau, Madalena, S. João da Praça, S. Jorge, S. Vicente de Fora, S. Gião e Mercês), para além de registos de almoínhas, vinhas e herdades em diferentes pontos do termo de Lisboa e de outras localidades: Aqualva, Xabregas, Arroios, Alvalade, Portela, Alperche, Chelas, Lavradio, Alhos Vedros, Barcarena, Loures, Cheleiros, Almargem, Ameixoeira, Torre do Fato, Charneca, Telheiras, S. João da Talha, Vila Longa, Azambuja, Torres Vedras, Montemor-o-Novo, Palmela e Setúbal; ANTT, *Congregação dos Cônegos Seculares de S. João Evangelista, Convento de Santo Elói de Lisboa*, Livro 18.



# FREGUESIA DE AGUALVA E MIRA SINTRA

## Folha de Cabimentação

Nº Cabimento: 70

Ano: 2018

Data Registo: 12-01-2018

Data Documento: 12-01-2018

Class. Orgânica: 010000 Administração Autárquica

Class. Económica: 0202200100 Trabalhos tipográficos

Projeto e Acção:

Descrição: Impressão 500 exemplares da brochura "Acerca de....D. Domingos Anes Jardo"

1	Orçamento Inicial	100,00
2	Reforços/Anulações	400,00
3	Orçamento Corrigido	500,00
4	Despesas Pagas	0,00
5	Encargos Assumidos (Cabimentos)	0,00
6	Saldo Disponível do Orçamento	500,00
7	Despesa Emergente, que fica cativa	492,00
8	Saldo Residual do Projeto	
9	Saldo Residual	8,00

RESPONSÁVEL

*Álvaro Henriques*